

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME II-III



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
1960-61

denunciando a cor real, a textura e o brilho da cerâmica, aparece-nos muito simplesmente gesso.

Além destes inconvenientes, o método é dispendioso e privou assim os leitores de uma maior documentação, sempre desejável.

A. M. A.

ABBÉ JEAN ROCHE, *Le Gisement Mésolithique de Moita do Sebastião (Muge-Portugal)*. Lisboa, 1960. 181 pp.. 30 desenhos. 9 pp. de fotografuras em extra-texto.

, Os chamados concheiros de Muge foram uma das primeiras estações arqueológicas do nosso país a serem estudadas cientificamente. A esses primeiros trabalhos está ligado o nome de Carlos Ribeiro, que em 1863 aí efectuou prospecções e em 1880 realizou escavações sistemáticas, cujos resultados apresentou no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido nesse mesmo ano em Lisboa. Essas pesquisas incidiram sobre o Cabeço da Arruda e a Moita do Sebastião, locais onde em 1884 e 1885 Paula e Oliveira realizou novas explorações. Posteriormente, os concheiros de Muge foram objecto de mais algumas explorações, tendo até em 1931, no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-históricas reunido em Paris, apresentado Mendes Corrêa uma comunicação intitulada *Les Nouvelles Fouilles à Muge*.

E se a intensidade de exploração destas estações foi como se vê fraca, pouco intenso foi o estudo dos materiais encontrados, como se verifica pela circunstância de as peças líticas exumados no século passado só terem sido estudadas em 1947 pelo Abade Breuil e pelo sr. dr. Zbyszewski no Tomo XXVIII das *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*.

Decorridos alguns anos sobre esta última data, em 1952, o Rev.º Jean Roche, iniciou nova série de escavações na Moita do Sebastião, as quais se prolongaram até 1954. A descrição dessas pesquisas e o estudo dos elementos descobertos foram apresentados pelo autor durante o I Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Dezembro de 1958, quando da visita de estudo realizada a 20 desse mês a Muge. Essa notável conferência, que se realizou numa dependência do Palácio Cadaval e a visita feita seguidamente à Moita do Sebastião, constituíram, em nossa opinião, um dos aspectos científicos mais relevantes desse Congresso.

Publicou recentemente o «Instituto de Alta Cultura» este trabalho, num volume abundantemente ilustrado com desenhos, plantas e fotografuras, o qual veio confirmar pienamente a excelente impressão que nos ficara no espírito depois de termos estudado a exposição feita pelo autor.

Podemos considerar no trabalho três partes essenciais. A primeira de carácter introdutório (cap. I a III) situa e descreve a estação e história das explorações aí efectuadas nos períodos de 1880-85 e 1952-54. De notar, pois representa uma das reais

qualidades do trabalho, que são sempre descritas com bastante minúcia as técnicas e os processos usados nas escavações, descrição essa que é acompanhada de desenhos elucidativos. Este elemento informativo é de grande importância e utilidade: por um lado representa uma benéfica lição de metodologia arqueológica, por outro informa-nos sobre um aspecto fundamental da escavação e permite-nos conhecer o valor científico desta.

Na segunda parte do trabalho (cap. IV a VII) encontramos a descrição e o estudo dos diversos elementos postos a descoberto pelas escavações, antecedidas de revisão dos materiais existentes no «Museu dos Serviços Geológicos de Portugal» e já estudados anteriormente. Começando pelo estudo minucioso dos materiais exumados, passa o autor seguidamente para a análise dos vestígios de habitações e da organização social. Este capítulo, o quinto, é talvez dos mais interessantes e valiosos de todo o trabalho, pois que a interpretação das diferentes covas abertas no solo — que a exploração porque muito cuidadosa revelou — é simultaneamente indicativa dum rigor e duma penetração invulgares. Essas covas, especialmente pelas suas dimensões e formato e ainda por certos elementos nelas encontrados, foram interpretadas quase todas e por forma convincente. Daí resulta que não só ficamos a conhecer a origem e finalidade de todas essas covas, caoticamente distribuídas pelo solo, mas ficamos também a saber que houve uma continuidade e sobreposição no povoamento e ainda conhecendo algumas das feições do povoado que aí existiu: aspecto e dimensões das cabanas, possível semelhança das habitações com abrigos ainda hoje construídos pelos nossos pastores, etc.. Igualmente muito interessante foi o estudo dos 33 sepulcros, dispostos em três grupos, o qual permitiu determinar a existência de certos ritos funerários, os quais deixam entrever alguns traços da vida religiosa dos povos que ali habitaram. Termina esta segunda parte com o inventário dos mariscos de que se encontraram cascas e conchas, elaborado pelo sr. eng. Octávio da Veiga Ferreira, a identificação dos vestígios osteológicos de peixes, aves e mamíferos, realizado pelo mesmo investigador e pelo sr. dr. Zbyszewski e ainda com a indicação da cronologia do concheiro obtida pelo método do carbono 14 de 7350 ± 350 . E sendo esta a primeira datação que se faz por tal método para uma estação portuguesa, isto é, sendo este o primeiro dado de cronologia absoluta seguro que possuímos, é fácil de concluir quão importante é esse elemento para a arqueologia nacional.

A terceira e última parte é constituída pelas conclusões que têm, como é natural, grande interesse. Aí, o autor aborda o problema da origem dos habitantes de Moita do Sebastião, Cabeço d'Arruda, etc.. Depois de referir as opiniões de Obermaier, Mendes Corrêa e Breuil e de analisar o problema, conclui o seguinte: «Ces considerations laissent penser que l'origine de la culture de Muge doit être recherchée dans ce pays même. Il y a, à 30 kms. à vol d'oiseau, un important foyer culturel dans la région comprise entre Rio Maior et Torres Vedras ou il existe de nombreux gisements datant du Paléolithique supérieur et peut-être du Mésolithique. On sait de façon à peu près certaine que le silex utilisé à Muge provient de là. Il est fort possible que les habitants de nos trois concheiros soient venus de cette région ou, tout au moins, aient entretenu des rapports constants avec elle pour les nécessités de leur économie» (p. 139-140). Refere-se depois o autor às explorações realizadas pelo Prof. Heleno em Rio Maior, mas omite algo do maior interesse e que por diversas

razões deveria ter sido referido. Trata-se da comunicação que em Abril de 1944 esse ilustre arqueólogo apresentou ao «Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia» e cujo resumo foi publicado em 1948. Aí se afirma: «No estado actual da ciência não é possível aceitar a origem africana do grimaldense de Rio Maior. E porque ele é a base do tardenoisense de Muge (Ribatejo) onde se encontram as ossadas do *Homo taganus*, concluiremos finalmente que as recentes investigações não autorizam a origem africana desta indústria, antes apoiam a filiação europeia dos nossos mais remotos antepassados» (*Ethnos*, III, 494).

Nestas conclusões refere-se também o Rev.º Jean Roche aos outros concheiros existentes no país. Note-se a omissão do concheiro situado junto da lagoa da Albufeira, que é referido por Carlos Ribeiro na sua *Descrição dos Terrenos Quaternários nas Badas do Tejo e do Sado*, e, para o concheiro de Santo Antão, perto de Óbidos, reporta-se apenas o autor ao estudo de Carrington da Costa, publicado em 1940, intitulado *Evolução do Meio Geográfico na Pré-História de Portugal* («Congresso do Mundo Português», I.º vol.). Ora referem-se-lhe igualmente P. Choffat no seu estudo publicado em 1892 *Sur Une Station Préhistorique à Óbidos et sur la Dispersion de l'Ostrea Edulis aux Temps Préhistoriques* («Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal», Tomo II, fase. 2) e Alberto A. Girard num artigo aparecido em 1916 sobre *A Lagoa de Óbidos* («Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal, Tomo XI).

Le Gisement Méolithique de Moita do Sebastião é portanto um valioso trabalho que à arqueologia portuguesa oferece um contributo importante e deveras seguro. Sem exagero, consideramo-lo um dos mais notáveis trabalhos do seu género publicados nos últimos tempos entre nós.

FERNANDO CASTELO-BRANCO

LOUIS-RENÉ NOUGIER, *Géographie Humaine Préhistorique* (Collection «Géographie Humaine», n.º 31). Paris, Gallimard, 1959. 1 vol. de 325 pp.. 11 gravuras. 16 fotogravuras «hors texte».

Sabe-se que a formação universitária dos geógrafos franceses é eminentemente histórico-geográfica e que no conto das disciplinas que enformam os programas, as de natureza histórica são das que mais contam. Não admira pois que uma estreitíssima ligação exista entre os historiadores e os geógrafos e o mesmo se expresse nas obras de ambos.

Não será descabido ilustrar tais afirmações com exemplos mais que frizantes, como o de um Mestre, criador de uma Escola de extensa aceitação: Vidal de La Blache. Historiador de formação, veio a ser um dos mais argutos geógrafos da França, senão o primeiro de todos. Aliou ao profundo conhecimento historiográfico um extraordinário arsenal de conhecimentos geográficos colhidos nas suas excursões e viagens de estudo pelo mundo, conhecimento e experiência que legou, quer através